



O IMPACTO DA DESINFORMAÇÃO: Da saúde à democracia.



Em debate no **Correio**, governo e especialistas alertam para os danos à sociedade provocados pela disseminação de conteúdos falsos. Eles defendem a responsabilização das plataformas e mais educação midiática

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



Nina Santos enfatizou que o governo busca soluções estruturais para o ambiente digital



Swedenberger Barbosa: conteúdos falsos contribuem para enfraquecer confiança da população na ciência

Os efeitos reais de uma ameaça digital

» RAFAELA GONÇALVES
» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

A circulação de conteúdos falsos, manipulados ou descontextualizados deixou de ser um problema limitado ao ambiente digital e passou a impactar diretamente a saúde pública, a confiança nas instituições e o funcionamento da democracia. Em meio ao avanço da chamada “infodemia”, cresce a pressão por medidas capazes de conter a disseminação de desinformação e reduzir seus efeitos sobre a sociedade.

O tema esteve no centro do evento *CB Debate O impacto da desinformação: da saúde à democracia*, promovido pelo **Correio**, que reuniu representantes do governo federal, pesquisadores e especialistas para discutir os reflexos da desinformação em áreas como vacinação, ciência, política e direitos humanos.

Na abertura do encontro, a secretária-adjunta de Políticas Digitais da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, Nina Santos, afirmou que o combate à desinformação exige mudanças estruturais nas regras do ambiente digital. Ela mencionou um pensamento do

presidente Lula no debate sobre a responsabilização das plataformas por conteúdos ilícitos: “A gente precisa fazer as leis que valem no nosso mundo físico valerem também no nosso mundo digital”.

Segundo Nina, crimes como fraudes, golpes, racismo e violência contra mulheres não podem continuar circulando livremente nas plataformas. Avaliou que o país vive uma transição institucional ao passar “de uma era em que atores do poder público produziam desinformação para uma era em que o Estado combate a desinformação”.

Desigualdades sociais

Para a secretária, os efeitos da desinformação são concretos e aprofundam desigualdades sociais. “A desinformação não é um fenômeno abstrato. Ela produz novos tipos de desigualdade, aumenta a violência contra grupos vulnerabilizados e reduz a capacidade das pessoas de exercerem sua cidadania”, afirmou.

Nina reconheceu ainda que o governo enfrenta dificuldades para acompanhar a velocidade de disseminação dos conteúdos nas redes sociais. “Grande parte do trabalho é, sim, enxugar gelo, e a gente não pode parar de



A desinformação não é um fenômeno abstrato. Ela produz novos tipos de desigualdade, aumenta a violência contra grupos vulnerabilizados e reduz a capacidade das pessoas de exercerem sua cidadania”

Nina Santos, secretária-adjunta de Políticas Digitais da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República

enxugar gelo porque senão vai submergir”, disse.

Ela destacou que o Executivo busca soluções estruturais para o ambiente digital, incluindo iniciativas de educação midiática e valorização do jornalismo profissional. Segundo a secretária, mais de 400 mil professores participaram de cursos de educação midiática promovidos pelo governo federal, e o tema passou a integrar o Plano Nacional de Educação.

Ao comentar a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o artigo 19 do Marco Civil da Internet, a representante do Palácio do Planalto afirmou que o entendimento da Corte reforçou a

necessidade de atuação preventiva das plataformas em casos de fraudes, golpes, racismo e violência de gênero. “O Supremo disse que as plataformas precisam se responsabilizar em determinados casos. Não é mais possível ficar correndo atrás dos crimes que acontecem no ambiente digital”, declarou.

Ela também mencionou decretos publicados pelo governo federal voltados à proteção de mulheres no ambiente digital e ao combate a ataques coordenados, especialmente contra jornalistas e mulheres em posições públicas. “O ambiente digital pode fortalecer a democracia, mas para isso precisamos de regras que tenham como horizonte o

interesse público, o respeito aos direitos fundamentais e a segurança das pessoas”, defendeu.

Infodemia

O chefe de gabinete adjunto da Presidência da República, Swedenberger Barbosa, afirmou que a desinformação vai além das chamadas fake news. Segundo ele, tornou-se um mecanismo de corrosão da confiança pública nas instituições democráticas.

“Eu queria colocar de uma forma um pouco mais ampla do que as fake news que a gente está acostumado a encontrar. A infodemia pode ser entendida como um conjunto de exagero de informações, muito mais informações do que a sociedade precisa para entender determinados fenômenos, e no meio desse excesso de informações você embute a desinformação, as fake news”, disse.

Ao abordar os impactos da pandemia de covid-19, Barbosa afirmou que a circulação de conteúdos falsos contribuiu para desacreditar informações oficiais e enfraquecer a confiança da população na ciência. “O que isso provoca? A desconfiança da informação oficial e das instituições públicas. E quando parte dessas instituições

públicas estimula essas questões como sendo verdadeiras, a gente chega na negação da ciência.”

Ele classificou o período recente como um caso de “negacionismo institucionalizado” e criticou a disseminação deliberada de desinformação durante a pandemia. “Chega no chamado negacionismo institucionalizado no Brasil. Foi isso que nós vivemos recentemente no governo anterior ao deliberadamente estimular que as desinformações de saúde fossem utilizadas como método para que a população enfrentasse a covid-19. Não há meio-termo pra isso”, ressaltou.

Swedenberger também relacionou os ataques de 8 de janeiro de 2023 ao avanço da desinformação e ao enfraquecimento da credibilidade institucional. “Os eventos que ocorreram em 2023, especialmente o de 8 de Janeiro, não tenho dúvida, têm a ver com esse tema que nós estamos discutindo aqui. Que é você desacreditar as instituições, desacreditar nas informações, confundir e fazer com que a infodemia seja um elemento estratégico de um processo que nega a institucionalidade e a democracia”, concluiu.

*Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

Quando a manipulação de informações serve para lucrar



Eder Gatti ressaltou que a OMS coloca a desinformação como um dos principais males da saúde global

Especialistas em saúde pública, o diretor do Programa Nacional de Imunização (PNI) do Ministério da Saúde, Eder Gatti, afirmou que a disseminação de fake news atende a interesses econômicos e políticos. Ele defendeu a regulamentação das plataformas digitais como parte essencial do combate à desinformação.

Segundo ele, existe um grupo de pessoas que compartilha conteúdos falsos sem perceber, enquanto outro atua deliberadamente para lucrar com a manipulação de informações. “Por diversos motivos, a pessoa, às vezes, acredita e passa isso para frente. Apesar de ser um equívoco por parte do cidadão comum, é muito complexo a gente julgar esse processo de disseminação de desinformação”, afirmou. Sobre os agentes que produzem conteúdos falsos, Gatti disse que muitos lucram com promessas

enganosas relacionadas à saúde. “Esses atores que disseminam desinformação, muitas vezes, vendem tratamentos milagrosos, desintoxicação de vacinas; atuam na saúde, na assistência, vendendo milagres para as pessoas e ganham dinheiro com isso”, descreveu.

Amplificação

O diretor também responsabilizou as plataformas digitais pela amplificação desse tipo de conteúdo. “As plataformas também têm a sua responsabilidade nesse processo de disseminação. É importante lembrar que o algoritmo por trás da disseminação da informação faz parte da gestão das plataformas, que lucram com esse processo de engajamento. Logo, elas têm responsabilidade”, argumentou.

Eder Gatti afirmou ainda que a desinformação contribuiu para

a queda da cobertura vacinal no país desde 2016, cenário agravado durante a pandemia. “O Programa Nacional de Imunização, que tem a confiança de grande parte da população, começou a ser desacreditado por conta da desinformação, por conta das fake news. Agora, toda a comunicação do Ministério da Saúde é voltada para disseminar a informação de que as vacinas salvam vidas”, revelou.

Ele alertou que os impactos da baixa vacinação atingem toda a sociedade e citou o aumento de casos de sarampo como exemplo do problema. “Não é toa que a Organização Mundial de Saúde coloca a desinformação como um dos principais males da saúde global. Isso é uma ameaça à nossa democracia, é uma ameaça à nossa saúde pública, é uma ameaça à vida do povo brasileiro”, completou. (RG e MBG*)